

EDGAR MORIN

100 ANOS

no acervo do
*Fronteiras do
Pensamento*



Sumário

Abertura

As aventuras de um centenário 3

Artigo inédito

Edgar Morin, da margem ao centro 6

Trecho da conferência

1968-2008: o mundo que eu vi e vivi 16

Conferência na íntegra

O caminho: para o futuro da humanidade 22

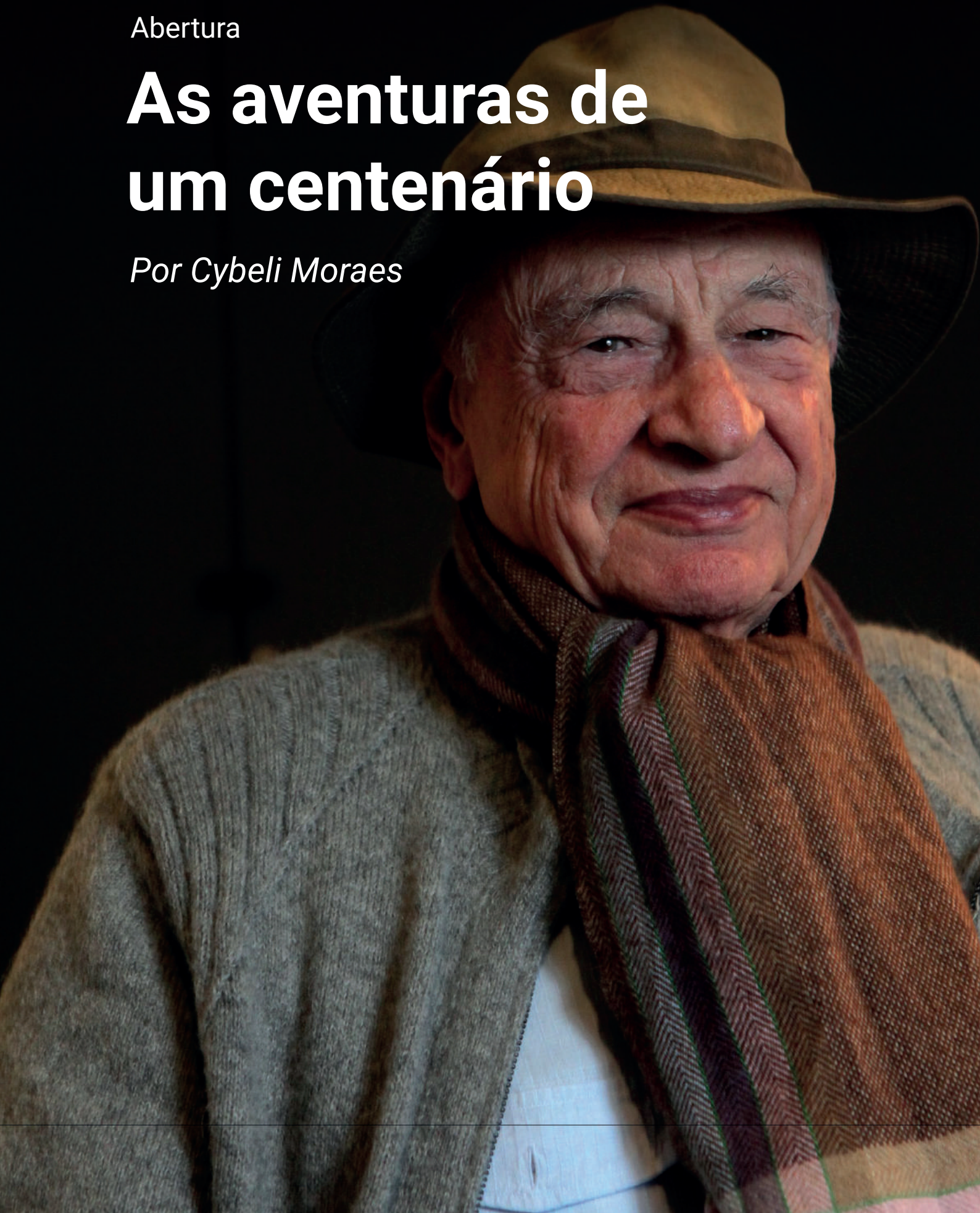
Playlist especial

Edgar Morin 100 anos 42

Abertura

As aventuras de um centenário

Por Cybeli Moraes



Quem gosta de pessoas percebe surgir em si, ao observar um sorriso emblemático que se esboça em um rosto experiente, o desejo fascinante de saber as histórias que ele viveu.

Quando esta pessoa é um dos mais populares pensadores franceses contemporâneos, o interesse beira ao infinito, sobretudo diante da celebração de um centenário – fato menos raro hoje em dia, mas ainda notável. É por isso que o *Fronteiras do Pensamento* oferece a você este e-book, que reúne as contribuições registradas em seu acervo de uma testemunha ativa de quase todo o século XX e parte do século XXI.

O nascido Edgar Nahoum, em 8 de julho de 1921, e (re)conhecido como Edgar Morin, filho único de família judia sefardita, fruto da união de Vidal Nahoum e Luna Beressi, ficou órfão de mãe aos 10 anos, mas diante disso viveu muito – e convida a todos, sempre que pode, a viverem mais. Nossa vida é feita de prosas, ele diz, aquilo que fazemos para sobreviver. Mas o que importa mesmo é a poesia da vida, a saber: compartilhar, conhecer, conviver e alegrar-se.

Em suas mais recentes obras, *Les souvenirs viennent à ma rencontre*, autobiografia lançada em 2019, e *Leçons d'un siècle de vie*, publicada em 2021, Morin divide o que não para de aprender e experimentar, como confidenciou também em cerimônia que homenageou o seu centenário, transmitida via internet pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Na ocasião, o aventureiro sociólogo, filósofo, historiador e antropólogo disse que sempre quis ser “humanólogo”, e resumiu assim seu percurso intelectual: “Não percorri um caminho trilhado, fui fazendo o caminho por onde fui andando. Mesmo que eu morra amanhã, meu pensamento sempre ficará inacabado”.

Autor premiado com mais de 60 títulos publicados – que vão do cinema à filosofia, da política à psicologia, da etnologia à educação – e *doutor honoris causa* em 17 universidades, Morin sempre fruiu e observou a cultura (incluindo a de massa) em paralelo à leitura de grandes clássicos – seus preferidos, Dostoiévski, Proust, Hölderlin, Heráclito, Hegel, Marx, Adorno e Horkheimer, Freud e Lacan. Concluiu três licenciaturas, em Direito, História e Geografia, mas não exerceu diretamente nenhuma, pois sempre defendeu a transdisciplinaridade. Viu de perto o Partido Comunista Francês, estudou a morte, os mitos imagéticos do cinema e os fenômenos socioculturais de 1968. Aventurou-se, com Jean Rouch, pelo terreno do filme-documentário com *Crônica de um verão*. Pensou junto a outras mentes inovadoras no Instituto Salk, nos Estados Unidos, e escreveu, durante 30 anos, a obra de sua vida, *O Método*, em seis volumes.

Desde o começo dos anos 2000, alerta sobre a necessidade de uma ética planetária num mundo que observa em abismo e para o qual é imprescindível construir uma outra via para a humanidade. Em 2008, quando esteve pela primeira vez no palco do *Fronteiras do Pensamento*, em Porto Alegre, Morin recapitulou quatro décadas de fenômenos culturais e sociais que vivenciou, concluindo que nossa civilização já aspirava a uma vida de mais autonomia e comunidade. Em 2011, quando proferiu conferências em São Paulo e Porto Alegre, deu sequência à fala anterior, focando na ambivalência da mundialização e insistindo em uma política da humanidade, capaz de efetuar o reencontro entre o melhor de cada cultura e de todas as culturas.

Neste e-book, que celebra os 100 anos de Edgar Morin no acervo do *Fronteiras do Pensamento*, você encontra um artigo inédito do professor Juremir Machado da Silva, doutor em Sociologia pela Universidade Paris V, jornalista, historiador, escritor, professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-RS e tradutor para o Brasil de quatro dos seis volumes de *O Método*. E também integram o livro um trecho da conferência de 2008 e a transcrição inédita e completa da fala de Morin no palco do *Fronteiras* em 2011, cujos momentos selecionados também podem ser conferidos em vídeo a partir de uma *playlist* especial.

Boa leitura!

Artigo inédito

Edgar Morin, da margem ao centro

Por Juremir Machado da Silva



FRONTEIRAS
DO PENSAMENTO



*Deveríamos buscar uma vacina
específica contra a raiva humana,
pois estamos em meio a uma epidemia.
A crise da Covid, em certo sentido, é
a crise de uma concepção da modernidade
baseada na ideia de que o destino do homem
era dominar a natureza e
tornar-se senhor do mundo.
A Covid nos lembra que
estamos vivendo uma Aventura,
uma Aventura no desconhecido,
a incrível Aventura da espécie humana.
Edgar Morin, 2021*

Sociólogo, antropólogo, epistemólogo, pensador, Edgar Morin, nascido em 8 de julho de 1921, em Paris, é um centenário que foi, como intelectual, da margem ao centro. Em certo sentido, pode-se dizer que foi de herético a canônico. Como se deu esse longo percurso? Depois de atuar na clandestinidade contra a ocupação nazista da França e de militar no Partido Comunista Francês, o jovem intelectual buscava o seu caminho entre muitos “ismos”: marxismo, existencialismo, humanismo, estruturalismo, stalinismo, trotskismo, maoísmo etc. O problema dele seria não pertencer a quem quer que fosse. Era livre. Desagradava, portanto, a todos. Numa entrevista que fiz com ele em 1994, pude perceber a força das convicções que o haviam tornado maldito:

Abandonei a certeza do futuro garantido. Para afirmar que o Sujeito morreu, como fizeram os estruturalistas, é preciso ser um Sujeito. A ideia da morte do Homem foi uma ilusão intelectual. Somos seres dotados de uma autonomia relativa, dependentes de condições ambientais e históricas. O problema é como tomar consciência da ilusão. A política, hoje, se complexificou. Muitos elementos que não eram considerados pertencentes ao campo político, entre os quais a ecologia e a manipulação genética, passaram a ter um cunho fortemente político em função de novas lutas, perigos ou avanços científicos. A civilização é a principal questão política, na medida em que existem várias formas de barbárie espreitando. O Sujeito será o construtor do mundo melhor. Sem ele, com certeza, não haverá mais justiça ou liberdade. [Transcrição guardada nos arquivos digitais deste autor.]

Durante muito tempo, não seria perdoado por contrariar as modas intelectuais dominantes. Em *Meus demônios* (1997), talvez o seu mais belo livro autobiográfico, ele se apresentou como um onívoro cultural, atravessado por contradições, produto da cultura popular da rua Ménilmontant, coração pulsante no norte de Paris, às voltas com suas origens judaicas marranas e com suas experiências culturais e políticas, açoitado por seus demônios face às cruzes do mundo. Caminhante, como na poesia de Antônio Machado, tão admirada por ele, fazendo caminho ao andar. Assim ele se resumiu do sumário ao mais fundo da sua personalidade, a parte no todo, o todo na parte.

Parte do percurso consistiria em assumir as próprias contradições para viver e agir. Ele seria um revoltado incapaz de respeitar as determinações e disciplinas herméticas.

Antidogmático até o mais fundo de si, ele buscava complexidades onde outros ansiavam por simplificação, tentar compreender quando todos se contentavam com explicações, sempre se veria como não pertencendo a quem quer que seja, um rebelde sem ressentimento, cada vez mais aberto à necessidade de empatia e de uma “ética da compreensão”. De onde lhe vinha essa inclinação para a autonomia a ponto de perder o calor do pertencimento aos tantos grupos que lhe ofereceram aconchego? Era o seu mistério, pois para ele há mistério na constituição das escolhas humanas.

Na entrevista de 1994, ainda sob o impacto do fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e da queda do Muro de Berlim, ele, que cedo rompera com a ideia do “melhor dos mundos” pela via revolucionária comunista, fazia análises balanceadas que podiam horrorizar as esquerdas, especialmente em países da América Latina.

A esquerda é uma constelação. Assim como Marx é um pensador em meio a uma constelação de intelectuais. Não podemos reduzir a pluralidade à unidade. Enquanto espaço de aspiração à liberdade, à emancipação e à justiça, a esquerda conservará sempre a sua legitimidade. Os ideais emancipatórios não perderam o valor. A esquerda esfacelou-se enquanto estrutura voltada para a tomada do poder e a implantação de projetos totalizantes.

Era um farol em meio às certezas, um espírito pronto a duvidar diante das “leis” e dos gurus, uma corajosa expressão libertária num oceano de convicções pomposas. Beber nessa fonte era correr o risco de chocar-se contra forças ancoradas em visões passadistas do futuro. Em *O Método 3. O conhecimento do conhecimento* (1999, p. 186), desmontaria algumas ilusões da racionalidade moderna triunfante:

A computação animal ignora o mito e por isso até pode parecer mais “racional” do que a nossa cogitação. Durante muito tempo, pretendeu-se crer que o mito era uma ilusão primitiva, nascida da utilização ingênua da linguagem. Deve-se, entretanto, compreender que o mito decorre não tanto de um pensamento arcaico ultrapassado, mas de um *arquipensamento* sempre vivo. Ele procede do que podemos designar *arqui-espírito*, não um espírito atrasado, mas um espírito anterior que, conforme o sentido forte do termo *arquê*, corresponde às forças e formas originais, fundamentais e dos princípios da atividade cérebro-espiritual, *lá onde os dois pensamentos ainda não estão separados*. É dessa maneira que concebemos o pensamento simbólico/mitológico como a manifestação e a consequência polarizada dos princípios e dos processos fundamentais do conhecimento.

Havia algo de fascinante nessa possibilidade de manifestação tranquila e autônoma, apesar das críticas, das rejeições, das caricaturas e das maledicências. Sobre qualquer assunto, mesmo aqueles mais cristalizados na opinião progressista, ele se permitia ter ideias próprias e andar tranquilamente na contramão do pensamento correto:

Os meios de comunicação de massa fazem parte da sociedade. É esta que fundamenta e legitima posições. Não cabe exagerar o papel da televisão. Madonna não representa um perigo público. Educadores, pais e intelectuais recorrem ao argumento cômodo de que a televisão aliena. Mas a situação é mais complexa. Não há, por exemplo, como estabelecer uma relação clara de causa e efeito entre a violência e a programação de televisão, a não ser em casos muito específicos e certamente não previstos pela emissão. Preocupo-me com a cretinização promovida pela televisão, mas também com essa que é disseminada pelos intelectuais.

Jovem repórter, doutorando em sociologia na Sorbonne, eu olhava para aquele senhor simpático e não acreditava no que ouvia. Era possível criticar a intelectualidade sem ser linchado no instante seguinte? Era possível ser intelectual de esquerda e criticar a esquerda? Era permitido sonhar com um “mundo melhor” sem cair na armadilha do “melhor dos mundos”? Havia espaço para considerar Marx um pensador importante, entre outros, tantos outros, sem tomá-lo como o revelador de todas as leis da sociedade e da economia ou como um líder messiânico a ser seguido e jamais contrariado? Era pertinente relativizar o poder dos meios de comunicação – ainda não se dizia o tempo inteiro mídia – sem ser chamado de reacionário e ignorante?

Nada era novidade e tudo era novo. Havia uma diferença enorme, do ponto de vista da percepção imediata, entre o lido e o ouvido. Aquele ancião carismático podia falar das suas quedas sem amargura. Lembra-se de ter sido “cadáver político” e de ter encontrado o ponto de virada na pesquisa, na liberdade, na leitura. Falava de política, de ciência e de amor sem considerar este último elemento como um romantismo trivial ou um subjetivismo próprio para a televisão. Noutra entrevista, em 2015, 21 anos depois da primeira, o homem era o mesmo, ainda que sem qualquer engessamento ou teimosia:

O futuro é incerto. A situação da Grécia tem mostrado que não se pode ter qualquer certeza. A crise da Europa não para de se agravar. Os fundadores da Europa pensavam na união política e cultural. Daí vem a primeira crise. Como os nacionalismos eram muito fortes, especialmente depois da Segunda Guerra Mundial, a união política não foi possível. Saiu uma união econômica. A Europa de hoje é heterogênea. Os países do Leste, integrados, não têm as mesmas perspectivas. A segunda crise vem das rejeições. A própria França votou contra a Europa, há alguns anos, num referendo. Por fim, a crise atual tem a ver com os problemas econômicos e com a chamada austeridade, que se resume à dominação dos interesses cada vez mais poderosos do capital.

Primado da incerteza, importância da contextualização, análise das forças em disputa, abertura para a diferença, tolerância, ponderação, espírito aberto ao novo, eis tudo, sempre o mesmo, sempre outro. A passagem do tempo sempre deu vantagens a Morin. Ele soube usar a experiência como um fermento. Muitos dos “ismos” ficaram pelo caminho. Ele se renovou sem se fechar em algum modismo. Em cada entrevista, foram muitas em mais de 25 anos, ele renovou a sua aposta na inteligência popular, ironizando o “cretinismo intelectual”, lembrando-se, às vezes, como escreveria em *Meus demônios* (1997), das rejeições que sofrera ao longo dos conturbados e intensos anos 1960.

Viver o presente, pensar o futuro

Aplaudido em muitos domínios do conhecimento acadêmico, como na Educação e na Comunicação, Edgar Morin continuaria a enfrentar resistência, em alguns lugares, em campos como a Filosofia e a Sociologia. Não ser de ninguém nunca deixaria de ser para ele um trunfo e um fardo. Apesar dessas ilhas pontuais de rejeição ou desconfiança, o nome dele ganhou cada vez mais o mundo. Por um lado, ele produziu uma sólida obra em seis volumes, *O Método*; por outro, aceitou publicar livros de vulgarização dos seus conceitos, que lhe valeram incontáveis leitores, entre os quais *Os sete saberes necessários para a educação do futuro* e *Introdução ao pensamento complexo*. Completou cem anos de idade, em 2021, como um gigante

A trajetória de Edgar Morin é bastante conhecida de um vasto público universitário. Não se trata aqui de fazer um inventário das suas publicações nem dos seus conceitos. Basta dizer que ele terminou de se consagrar com a sua “teoria da complexidade”, uma sólida defesa da articulação de disciplinas para produzir conhecimentos, em lugar da tradicionalmente moderna separação. Em seu livro *Terra-pátria* (1995, p. 5), ele cita Marcel Mauss (“É preciso recompor o todo”) e Ernesto Sabato (“Precisamos de mundiólogos”) em epígrafe para dar o tom da matéria. Propõe que se coloque a complexidade no comando (1995, p. 148) como única forma de negociação com as incertezas permanentes:

A estratégia da antropolítica planetária está condenada a se desenvolver numa incerteza extrema. As previsões futuroológicas que produziam quimeras 25 anos atrás desabaram. Há tantos processos discordantes, conflituosos, interdependentes e aleatórios, tantas interações e retroações, que não se pode apostar num futuro certo. Pode-se apenas apostar num futuro desejável, possível, mas incerto, elaborando a estratégia justamente adaptada à incerteza planetária.

A complexidade, segundo Edgar Morin, é uma abertura para o múltiplo, elogio da diversidade, defesa de uma ciência humilde, o reconhecimento cotidiano do perigo sempre presente do erro, da ilusão, do autoengano e da racionalização. Pensar é iluminar caminho e, ao mesmo tempo, lidar com as armadilhas do ego e da mente. Não basta condenar o oponente por suas falhas; é preciso também não praticar a autoindulgência em relação aos mesmos deslizes. Além disso, é fundamental não ceder à tentação dos julgamentos sumários.

Aos 99 anos de idade, Edgar Morin publicou *Lições de um século de vida*. O que dizem essas experiências acumuladas? Uma passagem do livro diz tudo o que ele foi e eu mesmo sinto, de direita e de esquerda ao mesmo tempo. Assim: “Direitista, ou seja, decidido a nunca sacrificar a ideia de liberdade; esquerdista, convencido não mais da necessidade de uma revolução, mas da possibilidade de uma metamorfose” (2021, p. 100). Da revolução à metamorfose, do fechamento doutrinário à abertura teórica, do dogma ideológico ao questionamento político. Uma lição fundamental: nunca mentir por uma causa. A independência tem o seu preço. Paga-se em isolamento, solidão e incompreensão.

Morin nunca se cansa de repetir que é mais fácil seguir o rebanho, aconchegar-se no calor do grupo, proteger-se do exterior adotando valores atualizados a qualquer custo. A missão daquele que crê em autonomia, generosidade e justiça é muito mais difícil: comprometer-se com a verdade a tal ponto que seja preciso, em alguma situação, afastar-se da solidariedade tribal. Não se trata de tentar ser algo semelhante a um super-homem, mas de refletir sobre valores. O que isso significa? Antes

de tudo, capacidade para mudar, admitir erros, fiscalizar cérebro/mente/espírito para não cair em armadilhas.

Pensar o futuro, viver o presente, rever o passado: tantas metas complexas e essenciais. Pensar o futuro não pode equivaler a sacrificar o presente em nome de um paraíso terreno prometido e redentor. Viver o presente exige a percepção de que o tempo não para. Rever o passado não quer dizer pautar a vida pelo que se foi. Para Morin, estamos perdidos. Essa pode e deve ser a nossa salvação:

Mas, mesmo assim, a perdição permanecerá inscrita em nosso destino. Eis a má nova: estamos perdidos, irremediavelmente perdidos. Se há um evangelho, isto é, uma boa nova, esta deve partir da má: estamos perdidos, mas temos um teto, uma casa, pátria: o pequeno planeta onde a vida criou seu jardim, onde os humanos formaram seu lar, onde doravante a humanidade deve reconhecer sua casa comum. Não é Terra prometida, não é o paraíso terrestre. É nossa pátria, o lugar de nossa comunidade de destino de vida e morte terrestre. Devemos cultivar nosso jardim terrestre, o que quer dizer civilizar a Terra (MORIN, 1995, p. 174).

O velho sábio não esquece que, em 1951, sofrera as agruras da exclusão ao perceber e rejeitar o aspecto “místico, religioso do Partido”, levando pessoas gentis e bondosas a comportamentos “fanáticos, obtusos” (2021, p. 98). Uma esquerda libertária, aprendeu ele, deve trabalhar pelo desabrochar das pessoas, por uma sociedade melhor, por um mundo fraterno e para melhor integrar o humano na natureza e a natureza no humano (2021, p. 101). Tendo enfrentado desdém, ironia, caricatura, exclusões e incompreensão, o pensador incansável da generosidade e da compreensão ensina: “A autonomia de espírito leva, sem que se queira, ao desvio. É preciso aceitar a incompreensão e o descrédito” (2021, p. 142). Ser livre requer resistência, resiliência, alguma coragem e muita esperança.

Teórico da exploração das brechas, essas frestas nos sistemas pelas quais entra o ar fresco das metamorfoses e permite a mudança, Morin, o menino de Mênilmontant, órfão de mãe muito cedo, criado vendo filmes nos cinemas de bairro e divertindo-se em circos, atreveu-se a relativizar o poder da mídia, a denunciar o “cretinismo dos intelectuais”, a louvar a sabedoria popular, a encontrar coisas positivas em telenovelas brasileiras, a não diabolizar a cultura de massa e do entreteni-

mento, a desconfiar dos que prometem o paraíso ideológico terreno e não toleram posições opostas, e, profundamente, a defender o justo mesmo contrariando a expectativa de grupo. Dá para imaginar o sofrimento desse grande intelectual às voltas com golpes baixos, mesmo sem postular qualquer poder, inveja e maquinações.

O centenário Edgar Morin não deixa de estar em sintonia com o espírito do tempo. No Twitter, onde quase que diariamente oferece pílulas de sabedoria, pratica a complexidade com entusiasmo juvenil: “Quem pode controlar os controladores a não ser os controlados?”. Ou: “O perigo é que a própria palavra complexidade se torne, ao mesmo tempo, o instrumento e o mascaramento da simplificação”. Muitos foram os perigos que enfrentou esse homem ao longo dos seus anos de vida. A cada modismo intelectual recusado, uma ameaça. Rejeitou, por exemplo, a redução do homem ao determinismo estrutural. Não aceitou a diluição da ideia de sujeito no oceano dos objetos determinados por forças incontroláveis que só seriam explicadas por leis econômicas. Pesquisador do social e dos fenômenos humanos, ele vê na arte uma poderosa ferramenta de acesso ao conhecimento e a verdades profundas.

Ler a vasta obra de Edgar Morin, ou traduzir alguns dos seus livros, é mergulhar numa trama densamente articulada de conceitos, ideias, reflexões, propostas, citações e sugestões. O leitor pode ter a impressão de ser conduzido, com segurança, através de um labirinto. Muitas são as portas que se abrem inesperadamente e muitos são os caminhos com súbitas bifurcações. Não é absurdo achar que o autor produziu uma enorme boneca russa feita de livros: um está dentro do outro numa sucessão de tamanhos, formatos, temas e proposições.

Em tempos de ódio nas redes sociais e de oposições raivosas, Edgar Morin continua a falar de perdão, de poesia, de acolhimento e de solidariedade. Por fim, uma singela homenagem a esse pensador que propõe que se pense o pensamento como ato, ao mesmo tempo, individual/social/cultural/biológico/cerebral/espiritual:

Frestas

Minha alma tem rachaduras
Por onde passa o vento
Meus olhos são fechaduras
Por onde espio o tempo
Tudo se esvai como um domingo.

Minha alma tem fechaduras
Que me blindam contra o tempo
Meus olhos são rachaduras
Por onde se espreme o vento
Como um navio que se afasta

Até o horizonte se apagar como
uma vela.

■ Referências

- MORIN, Edgar. *Les Leçons d'un siècle de vie*. Paris: Denoël, 2021.
_____. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2015.
_____. *Os sete saberes necessários para a educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2011.
_____. *O Método 3. O conhecimento do conhecimento*. Porto Alegre: Sulina, 1999.
_____. *Meus demônios*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. *Terra-pátria*. Porto Alegre: Sulina, 1995.

Trecho de conferência

1968-2008: o mundo que eu vi e vivi

*Porto Alegre, 2008,
por Edgar Morin*



O que é 1968? É uma revolta plurinacional, multinacional, de estudantes que acontece em países tão diferentes quanto os Estados Unidos, a Alemanha, o Egito, a Polônia, e, de certo modo, no mundo todo se vê, pois esse movimento estudantil, já nos anos 1960, na Califórnia, se manifestava por meio de uma cultura que viria a se chamar contracultura, tentativa dos jovens de fazer uma cultura diferente da do mundo em que viviam, criando comunidades.

Em compensação, na França, será sobretudo uma explosão que vai durar pouco mais de um mês e durante a qual acontecerá toda uma série de fenômenos importantes. Interessa também saber qual é a característica comum a todas essas revoltas em países tão diferentes uns dos outros.

A característica comum é, evidentemente, a revolta contra a autoridade, quer seja a autoridade dos mestres, quer seja a autoridade do Estado, quer seja a autoridade da família tradicional. Mesmo assim, o curioso é que, embora haja uma defasagem histórica, quando se pensa na revolução cultural na China, essa revolução, embora iniciada por Mao Tsé-Tung contra seu comitê central, foi realizada por estudantes e colegiais que então manifestavam uma violência incrível, inclusive por meio de assassinatos e da humilhação dos professores, mas ainda aí vemos a característica de revolta do adolescente. E por que os adolescentes se revoltam contra as autoridades, por mais diversas que sejam?

Inicialmente, é preciso dizer que, durante os anos 1960, produziu-se um fenômeno histórico extremamente importante: a autonomização da adolescência. O que é adolescência? É uma categoria que se pode situar entre o fim da infância amparada, quando se está protegido no casulo familiar, e a entrada no mundo da vida adulta, com uma carreira, uma profissão, o casamento etc. Esse intervalo não existe sociologicamente nas sociedades tradicionais. Numa sociedade tradicional, ainda hoje, em numerosos países, as crianças são postas para trabalhar em tenra idade. A adolescência é eliminada. Em sociedades ainda mais antigas, não havia adolescência, mas cerimônias de iniciação que faziam a criança passar à categoria homem.

No nosso caso, a adolescência se desenvolve como um corpo autônomo e se constitui numa cultura. Essa cultura não é apenas o rock, nem apenas agrupamentos em torno de uma música, mas também um modo comum de se vestir, hábitos comuns, quase as mesmas buscas, as mesmas aspirações. E, de certo modo, pode-se dizer que 1968, com as revoltas estudantis, marca a irrupção, na vida política e social, de um novo tipo de classe que não é uma classe social, mas, digamos, uma bioclasse. É uma classe que tem caráter biológico e que, tornada autônoma, aspira a

se libertar e mostra algumas de suas aspirações profundas. Que aspirações são essas?

Mais autonomia e mais comunidade. Duas coisas que parecem contraditórias: de um lado, o desejo de ser livre; do outro, o desejo de uma comunidade calorosa. Essas aspirações são vividas simultaneamente, porque existe, ao mesmo tempo, o sentimento de que não há mais comunidade numa sociedade atomizada, reduzida ao individualismo, reduzida a formas, à procura do lucro, e o sentimento de que as liberdades foram reduzidas.

Então, essa aspiração que aparece nas revoltas é encorajada, de certa forma, pelas revoltas que acontecem no mundo. Por exemplo: o Vietnã que se revolta contra o Ocidente, em especial contra a presença norte-americana. Che Guevara, que também manifesta uma revolta contra esse mundo. Na realidade, esses exemplos estão aí para dizer que a própria juventude deve se revoltar. Além do mais, o que aconteceu na Alemanha, na Itália e na França foi que essa aspiração, no início espontânea, em determinado momento, na França, foi animada por libertários como Daniel Cohn-Bendit, os trotskistas, os maoistas. Eles diziam aos adolescentes: “suas aspirações, mas somos nós que vamos realizá-las, fazendo a revolução e fazendo o socialismo”. E se certamente confiscaram o movimento de 1968 em alguns países, sua ideologia exprimia essas aspirações de um mundo de harmonia, fraternidade e liberdade.

É preciso dizer que a sociedade industrial moderna, quando democrática, ao mesmo tempo em que introduziu liberdades que inexistiam nas sociedades autoritárias e escravagistas, trouxe suas próprias coerções: a aplicação de uma visão determinista e mecanicista do indivíduo, a lógica do trabalho controlando toda a vida social e humana, o que na França se chamava de *métro-boulot-dodo* [metrô, trabalho, dormir], ou seja, uma vida cada vez mais anônima.

Evidentemente, ao passo que em nossa sociedade há essa coerção que os adolescentes se recusam a aceitar, no mundo adulto tenta-se encontrar escapatórias. O que fazem as pessoas quando podem? Tiram férias e são donas do próprio tempo, vestem-se como querem, vivem entre amigos ou em família, procuram o lazer. Festas, futebol, paixões encontram-se aos pequenos bocados, “pedaços” de harmonia, no cotidiano, instantes de poesia na vida.

Mas o que quero dizer é que, se eu quisesse falar hoje de sentido profundo, do sentido antropológico, seria exatamente desse movimento, dessa aspiração tão profunda da humanidade, que os adultos esquecem, abandonam, por conformismo; seria exatamente dessa aspiração que desperta e que eu acredito que ainda vai se exprimir de um novo modo no futuro próximo.

Maio de 68 foi a revelação de uma falha da civilização ocidental. Estou falando de todo o mundo ocidental. Ela mostrou que onde havia abundância de bens materiais, onde havia abundância de bens de consumo, bem-estar material, não havia bem-estar moral, não havia bem-estar psicológico; havia, ao contrário, infelicidade, insuficiências tratadas privadamente, quer dizer, recorrendo-se aos soníferos, às drogas, ao psiquiatra etc. Há um novo mal-estar, produzido pela nossa civilização, que, no entanto, produziu virtudes e qualidades, mas que gera cada vez mais essas características negativas que, de certo modo, Maio de 68 aponta. E se falou justamente de crise de civilização, da insuficiência dessas civilizações e, repito, de aspiração a outra vida.

Falou-se ainda em mostrar que, enquanto muitos teóricos de antes de 1968 pensavam que a civilização, nossa civilização ocidental, iria cada vez mais resolver os problemas mais graves da humanidade, a desigualdade, o desemprego, o mal-estar, a infelicidade etc., percebia-se que, ao contrário, esses males tinham se agravado. Percebeu-se que nossa civilização era uma superfície, uma camada sobre um subsolo que estava cada vez mais minado.

Mas o solo não desabou porque, de algum modo, houve o restabelecimento, depois de explosões diversas, da antiga ordem. Pode-se dizer que tudo mudou. Pode-se dizer, de preferência, que nada mudou, embora tudo tenha se modificado. O que se pode dizer é que, durante a década de 1960, vê-se o fim de uma esperança e o fim de um desespero. É o fim de uma esperança, ou seja, havia algo, uma fórmula, um mundo que estava transformando a humanidade, criando um homem novo, uma sociedade nova. Isso desaba, percebe-se que o sistema criou uma nova dominação, uma nova servidão, e chegou a uma série de impasses econômicos. Logo, é o fim de um desespero e de uma esperança; é o fim do desespero de popula-

ções que viviam nesse sistema ou que eram oprimidas, ainda que o fim desse desespero não se traduza no nascimento de uma esperança.

Assim, assistimos à expansão da economia liberal e, ao mesmo tempo, o que é um fenômeno dos anos 1990, ao extraordinário desenvolvimento das tecnologias de comunicação, que permitem conectar instantaneamente um ponto a outro do planeta, por telefone móvel, fax, correio eletrônico e tudo mais que a internet trouxe. Temos, então, a globalização técnica, econômica, que se espalha no mundo, mas, também, uma segunda globalização mais fraca, mas real, uma globalização de democratização e dos direitos do homem. Então, o que é preciso observar é que a globalização se traduz por uma unificação técnica, econômica, um tipo de ocidentalização. Temos, portanto, quase por toda parte, a reivindicação de uma identidade que, com ou sem motivo, teme ser sufocada. Mas temos um segundo elemento que explica tudo isso: a perda do futuro.

Por quê? Porque o mundo viveu com a ideia de que o progresso era uma lei histórica, que o amanhã seria melhor do que o hoje. E talvez houvesse algumas perturbações, mas essa lei era certa. A partir dos anos 1970, 1980, 1990 evidencia-se não apenas que este progresso não é certo, mas como seus motores são ambivalentes. Então, a crise do futuro, a crise do progresso; quando se perde a esperança do futuro, instauram-se a angústia e a neurose. A crise do futuro provoca um recolhimento no presente. A vida no presente, um dia de cada vez. E quando toda uma parte do mundo ocidental vive um dia de cada vez, quando a política se faz um dia de cada vez, quando não se pensa mais no futuro, não há mais perspectiva, ou melhor, quando o presente é ruim e infeliz, o que resta?

Tudo confirma a ideia de que este mundo se unifica apenas tecnicamente, economicamente, mas não se unifica política, cultural e humanamente. Portanto, temos este mundo em explosão. E o que significa o termo “crise”? Uma crise significa perigo e oportunidade. Pode provocar desintegrações e até mesmo regressões. Mas uma crise também pode levar a novas soluções. Quando um sistema não pode mais tratar de seus problemas vitais, o que acontece?

Ou o sistema se desintegra ou dá origem em si a outro sistema mais rico, capaz de tratar de suas questões fundamentais. Disse o poeta T. S. Eliot: “No meu fim está o meu começo”. Isso quer dizer que talvez não seja o fim do mundo, talvez seja o fim de um mundo e o começo de outro, porque, numa época como a nossa, vemos muitas forças de destruição que agem como a lagarta que se autodestrói, mas não vemos as forças de criação que talvez já estejam em movimento por aí. Logo, em meu fim talvez esteja o meu começo. E o filósofo Heidegger diz: “A origem não está atrás de nós, ela está diante de nós”.

Então, o mundo que morre seria simplesmente um mundo que morre para que outro nasça. Não é uma profecia, mas é o que se pode concluir do exame desses 40 anos que transformaram o mundo.

Conferência na íntegra

O caminho: para o futuro da humanidade

Porto Alegre e São Paulo, 2011, por Edgar Morin



Uma crise econômica aconteceu há três anos, em 2008. O interessante é que 95% dos economistas não a haviam previsto de maneira alguma. Quando a crise se desenvolveu, 95% dos economistas eram incapazes de antever se ela se agravaria, diminuiria, se transformaria. Precisamos refletir, pois a Ciência Econômica é uma ciência muito desenvolvida, sistematizada, formalizada, que recebeu Prêmios Nobel. Como é possível que a competência dos economistas seja incapaz de prever, não somente o início de uma crise, mas também seus desdobramentos e consequências?

Acredito que isso seja devido ao nosso modo de conhecimento que é fundamentado na separação entre as áreas de conhecimento disciplinares, Economia, Sociologia, Psicologia, História, Ciências Humanas, Ciências da Natureza. Essa compartimentalização dos saberes nos impede de conceber os problemas globais e fundamentais, que são cada vez mais os nossos problemas. Os problemas globais e fundamentais precisam reunir conhecimentos vindos de diferentes lados.

Se nos interrogarmos sobre o estado do planeta, sobre os processos da globalização, veremos que existe uma interferência de processos econômicos, psicológicos, religiosos, sociais, migratórios, de todos os tipos. É muito difícil compreender o que está acontecendo. Mas, ao mesmo tempo, é necessário tentar compreender o que está acontecendo. É necessário pensar. Pensar a globalização é pensar ao mesmo tempo o que é fundamental e global a todos os humanos do planeta. As dificuldades: tudo se confunde, tudo se liga, é a complexidade. Por que é tão difícil pensar a complexidade? Porque é preciso tentar encontrar métodos para conectar esses conhecimentos.

Também é difícil pensar a globalização, pois é um processo acelerado, e a consciência tem sempre um atraso em relação ao que está acontecendo. Ortega y Gasset, o grande filósofo espanhol, dizia: "*No sabemos lo que pasa y eso es lo que pasa*", não sabemos o que acontece e é isso que acontece. Um outro grande filósofo, Hegel, dizia: "A ave de Minerva alça voo ao entardecer". A ave de Minerva é o pássaro da razão, da sabedoria, visto que Minerva era a deusa grega da sabedoria. Isso significa que a sabedoria chega quase muito tarde e, algumas vezes, muito tarde. São dificuldades enormes.

A primeira coisa que podemos pensar é que a atual crise econômica não é apenas uma crise econômica, ela está ligada a outras crises. Temos uma crise das sociedades modernas mais avançadas, uma crise da civilização ocidental. Temos uma crise das sociedades tradicionais que também se encontram em crise sob a influência dessa máquina a ociden-

talizar que é o desenvolvimento. Temos crises demográficas, crises do pensar, especialmente essa impotência do pensamento para saber o que acontece. Estamos numa crise geral da humanidade que assume diferentes formas e cuja crise econômica é uma das formas.

A crise geral da humanidade é a crise da humanidade que não consegue tornar-se humanidade. Todos os processos que conduziram esta humanidade a se encontrar reunida num mesmo destino comum são também processos que nos conduzem a catástrofes futuras.

Dois aspectos contraditórios ou aparentemente contraditórios dessa globalização: ela é a pior e a melhor das coisas que poderiam acontecer à humanidade. Por que a pior das coisas? Pois é um processo no qual a ciência permitiu à técnica desenvolver as armas de destruição em massa e que estas se multiplicam, aumentando a probabilidade de serem utilizadas. Ao mesmo tempo, os fanatismos, isolamentos étnicos, fundamentalismos religiosos, isso tudo cria as condições preparatórias para múltiplos conflitos e também, talvez, para um grande conflito.

Sabemos que o processo da nossa civilização técnica e da nossa economia levou à degradação da biosfera, à crise do meio ambiente, e que ainda somos incapazes de poder frear esta crise e encontrar os meios para combatê-la. Sabemos que a economia globalizada é uma economia que não tem nenhuma verdadeira regulação. As crises que se sucedem desde 2008 nos mostram que a regulação não existe. Há o extraordinário problema dos Estados-nação que são atualmente despojados de muitas das suas capacidades de agir. Como dizia o orador precedente [referência ao sociólogo Zigmunt Bauman, cuja entrevista exclusiva ao *Fronteiras do Pensamento* foi apresentada ao público na mesma ocasião], eles não podem manter as promessas de segurança e bem-estar social feitas aos cidadãos há 40 anos. Ao mesmo tempo, esses Estados-nação não podem mais lidar sozinhos com os grandes problemas, eles precisam se associar. Temos a necessidade de salvaguardar os Estados-nação, mas também de criar realidades metanacionais, supranacionais, nas quais esses Estados se associem para tratar dos problemas mais fundamentais.

No entanto, ainda não chegamos lá. Temos uma Organização das Nações Unidas muito fraca. Não temos nenhuma instância de decisão planetária para os grandes problemas da economia, das armas de destruição

em massa, da extinção dessas armas, e da biosfera. Somos levados nesse processo, no qual se deve também notar um fenômeno muito interessante: o século XXI foi ameaçado por um polvo, o polvo dos totalitarismos, dos totalitarismos fascistas, nazistas, stalinistas, maoistas. Este polvo dos totalitarismos está hoje morto. Mas este morto despertou um outro polvo que estava adormecido, o polvo dos fanatismos e dos maniqueísmos nacionalistas, étnicos e religiosos.

Desde que houve a implosão da União Soviética, começou a Guerra da Iugoslávia, que deslocou esta nação, começou a Guerra entre a Armênia e o Azerbaijão, a Tchecoslováquia foi dividida em duas. Por todos os lados vemos surtos e revoltas étnicas. O Iraque atualmente está em processo de decomposição. Vemos este novo polvo ameaçar o planeta. Mas um outro polvo também foi desencadeado, a economia globalizada, depois da implosão do sistema soviético e de que a China, o Vietnã e todos esses países se abriram ao mercado e ao capitalismo. Tudo isso permitiu o desenvolvimento prodigioso de um outro polvo: o polvo da especulação financeira, do capitalismo financeiro. Vejam como esse polvo é poderoso. O capitalismo financeiro é mais poderoso que os Estados. Basta que uma agência de risco privada reduza a nota dos Estados Unidos para que o pânico tome as Bolsas de Valores e os Estados se estremeçam, incapazes de regular e restringir o que pode se tornar uma crise generalizada.

Aqui está o mundo entregue a novas ameaças. Todos esses processos se aceleram e se agravam. A globalização é o pior, uma vez que ela nos conduzirá para catástrofes. Contudo, ela é ao mesmo tempo a melhor. Pela primeira vez, todos os seres humanos de todos os continentes se encontram, mesmo sem saber, reunidos numa mesma comunidade de destino, sofrem dos mesmos perigos, problemas fundamentais, riscos ecológicos, riscos econômicos, riscos advindos da possibilidade de guerras. Isso cria as condições para que nasça um novo mundo. Zygmunt Bauman conferia às gerações mais jovens uma missão: "A vocês de inventarem as novas formas de democracia", dizia ele. Mas agora o problema é que se trata de inventar uma sociedade à escala mundial, que não seja feita segundo o modelo dos Estados-nação, que não seja uma espécie de super, mega Estado mundial a partir do modelo dos Estados nacionais, que seja uma nova forma de organização política. Assim como a democracia ateniense, que era uma democracia de pequenas cidades, de alguns cidadãos, se transformou numa democracia de nações, hoje há uma outra sociedade a ser criada, na qual talvez a internet possa desempenhar um papel.

Assim sendo, temos um problema absolutamente vital e fundamental que a comunidade de destino mundial nos revela: a possibilidade de criar um novo mundo. “Comunidade de destino”, essa palavra, *Schicksal-gesellschaft* em alemão, foi forjada pelo filósofo austríaco marxista Otto Bauer para definir uma nação. Uma nação é uma comunidade de destino no passado, no presente, e que quer se prolongar no futuro. Temos uma bela palavra que significa o que há de concreto dessa palavra nação, a palavra “pátria”. A pátria é uma palavra masculina e feminina, paternal e maternal. Ela começa de forma paternal, “pa”, e termina de forma feminina, “ia”. Quando dizemos a pátria-mãe, devemos sentir um sentimento de amor para com essa mãe que deve nos amar e pensamos que a autoridade paterna é a justa autoridade do Estado. É essa ideia da pátria-mãe que nos fraterniza. Como diz nosso hino nacional, *La Marseillaise*, “Vamos, filhos da pátria”. Somos filhos e, se somos filhos, somos irmãos. Cada vez que existe um perigo, uma ameaça, nos sentimos fraternais. Mas temos o problema de construir uma terra-pátria que inclua as pátrias sem apagá-las e respeitando-as.

O problema da terra-pátria é muito mais difícil à medida que não temos uma comunidade de destino no passado como existe para as nações. Essa comunidade de destino foi criada pela globalização. Temos uma comunidade de destino que devemos construir e pensar. Daí vêm as dificuldades e o sentido. Então, encontramos-nos diante dessa coisa estranha: o percurso atual da globalização, que leva à catástrofe, é o mais provável. O que significa a palavra “provável”? A palavra provável significa para um determinado observador, num lugar determinado, num momento determinado, dispondo das melhores informações sobre o andamento dos acontecimentos. Isso significa que, se o percurso dos acontecimentos presentes continuarem no futuro com a força irresistível que possuem no presente, então as probabilidades serão catastróficas.

Mas, na história humana, muitas vezes o improvável acontece e, eu diria mesmo, o inesperado. Por exemplo, o surgimento da democracia. A democracia é um evento extremamente improvável, ela nasce numa pequena cidade, Atenas. Mas ela poderia não ter nascido. No início do século V a.C., existiu o Império Persa, um enorme império que já tinha conquistado todas as cidades gregas da Ásia Menor e queria conquistar Atenas. Na primeira guerra, os atenienses, cidadãos dessa pequena cidade, com a ajuda dos espartanos, foram capazes de conter o gigantesco exército persa. Então, os persas voltaram para uma segunda guerra. Dessa vez, eles capturaram, queimaram e destruíram Atenas. Eles ganharam? Não. Eles deveriam ter ganhado. Mas a frota grega esperava a frota persa com uma

armadilha no Golfo de Salamina, destruindo todos os navios persas e fazendo com que a Pérsia abandonasse a conquista. Atenas iria se restaurar e, 40 anos mais tarde, nasceria a democracia e a filosofia. A democracia não durou muito tempo em Atenas. Ela não durou nem mesmo 50 anos, ainda com alguns eclipses durante a Guerra do Peloponeso. Mas a forma democrática ressuscitou na Idade Média, em cidades italianas, em cidades holandesas e flamengas. A democracia começou a nascer em países como a Inglaterra, e, depois, a Revolução Francesa proclamou o princípio democrático. A democracia atravessou riscos históricos consideráveis e se tornou hoje em dia uma força. Uma força que não tem certeza de obter a vitória, mas uma grande força no mundo todo. Logo, o improvável pode acontecer, e o improvável, diria eu, frequentemente aconteceu.

Isso dito, mudar de caminho não é provável, mas talvez não seja impossível. Não é impossível. Mas, atenção! Como seria possível, uma vez que estamos como num trem lançado a toda velocidade nos trilhos, sem nada que possa freá-lo do interior ou do exterior, sem que sejam as catástrofes? Assim, se refletirmos um pouco sobre a história humana, perceberemos que a história humana diversas vezes mudou de caminho, primeiramente, no que diz respeito às grandes religiões.

Como essas mudanças de caminho são feitas? A partir de um indivíduo ou de um pequeno grupo de indivíduos em torno desse indivíduo, visionário, profeta, xamã. É o caso do príncipe Shakyamuni, chamado de Buda Desperto. Ele fez uma mensagem recebida por apenas alguns indivíduos, mas que se espalhou e se difundiu e, atualmente, faz do budismo uma grande religião asiática e mundial. O cristianismo: Jesus tinha somente alguns discípulos e foi crucificado. Ele era um profeta de uma pequena província excêntrica do Império Romano, a Judeia. Como é possível que essa mensagem, em dois, três séculos, tenha se disseminado em todo o Império Romano e se tornado a religião oficial? Também houve uma etapa completamente improvável. Por que improvável? Porque Paulo, que era um fariseu, ou seja, um inimigo dos cristãos e que os perseguiu, teve uma revelação extraordinária sobre a rota de Damasco. Ele teve uma visão de Jesus Cristo lhe dizendo: “Paulo, Paulo, por que você me persegue?”. E ele se transformou e se tornou aquele que universalizou a mensagem de Jesus. A mensagem de Jesus era para os judeus, para os hebreus, mas Paulo disse: “Não existem mais judeus, nem gentílicos, não existem mais nem homens, nem mulheres, a mensagem é para todos, para todos os povos”. E o cristianismo se tornou uma grande religião. Vejam o caso de Maomé, o profeta do Islã. Ele teve que fugir de Meca, se refugiar em Medina, e foi perseguido. Contudo, sua mensagem se tornou uma das maiores religiões do mundo. Então, vocês me dirão que são as religiões. Mas não há apenas as religiões.

Acabei de trazer o caso da democracia e posso trazer também o da ciência moderna. No século XVII, a ciência moderna era alguns indivíduos. Era Galileu, Bacon, Descartes, Galilei, que estão relacionados. Um século mais tarde, as sociedades reais foram criadas na Inglaterra e em outros lugares. No século XVIII, as ciências entraram na universidade. No século XX, as ciências se tornaram um extraordinário poder de criação, de conhecimento e de destruição, em especial com as armas atômicas. E, então, o socialismo: temos Karl Marx, Proudhon, Bakunin para os anarquistas. Eles são pensadores isolados. Nenhum dos intelectuais, nenhum dos universitários se interessam neles. Pensamos que eles são loucos, que não são interessantes. Entretanto, pegando o exemplo de Karl Marx, é a partir de seus pensamentos que começa o Partido Social Democrata Alemão no final do século XIX. No século XX, tanto a social-democracia, que é a forma reformada do marxismo, quanto o comunismo bolchevique, que é a forma mais revolucionária, se difundem. E no século XXI entram em evidente declínio.

Logo, pode-se pensar que a mudança é possível. Mas ela só pode começar de forma modesta. Quando um sistema não pode lidar com seus problemas fundamentais, ou ele se desintegra, ou regride e se torna ainda mais bárbaro, ou ele é capaz de suscitar, a partir de si mesmo, uma força criadora que cria um sistema mais rico, um metassistema. O sistema se metamorfoseia e, dessa forma, se torna capaz de criar um novo sistema. Isso significa que, atualmente, o sistema do planeta Terra é incapaz de lidar com os problemas vitais do fim da economia, da morte nuclear, da morte ecológica, da economia desregrada. Portanto, ele está condenado a regressar e a se desintegrar, ou talvez possa suscitar em si mesmo essa metamorfose.

A metamorfose parece uma palavra reservada aos insetos, a alguns insetos. Efetivamente. Mas é interessante ver o que é uma metamorfose. Há uma lagarta que rasteja, entra numa crisálida e se fecha. E o que acontece? A lagarta se autodestrói como lagarta e se autocria como borboleta. Ela destrói, inclusive, seu próprio sistema digestivo, pois a borboleta não comerá as mesmas coisas que a lagarta. Ela manterá seu sistema nervoso, mas adquirirá asas, o que pareceria incrível para um ser rastejante como a lagarta, ela se metamorfoseia.

Mas vocês me dirão: “Sim, isso é bom para as lagartas, para as libélulas, mas não para nós mesmos”. E, no entanto, cada um de nós, quando estava no ventre de nossas mães, era uma forma de animal aquático, que não conhecia o oxigênio, o ar, que tinha outra vida, que tomou forma e, no nascimento, se metamorfoseia. Mais ainda, a história humana é uma história de metamorfoses.

O planeta esteve coberto durante 100 mil anos por pequenas sociedades de caçadores-coletores, sem Estado, sem agricultura, sem exército, sem classe social, sem cidades. Essas pequenas sociedades de algumas centenas de indivíduos eram perfeitamente viáveis. Mas depois, a partir de processos ainda hoje mal esclarecidos, surgiram reagrupamentos em algumas partes do globo, talvez pela dominação de um grupo sobre o outro. Isso aconteceu no Oriente Médio, na China, na Índia, onde é o México atualmente, nos Andes, onde existiu o Império Inca. Surgiram sociedades com cidades, agricultura, exército, classe social, artes, com as belezas da civilização e com as barbáries das guerras e da escravidão. A humanidade foi capaz de se metamorfosear, seja para o melhor, seja para o pior, nós ainda não sabemos. Então, atualmente, a capacidade de metamorfose a partir de todos esses Estados-nação é possível. Mas, bem entendido, a metamorfose só pode advir no término de um processo que ainda é desconhecido, não tomou forma. Mas, antes de tentar entender o que poderia ser esse processo, é necessário identificar alguns imperativos que têm valor desde hoje.

No que se refere à globalização, primeiramente. Algumas vozes já se levantaram, principalmente na França, para dizer: “Agora é preciso desglobalizar”. Efetivamente, quando vemos os males da globalização que, em certos casos, destruíram as realidades culturais locais e regionais, empobreceram as indústrias e, em muitos países, destruíram laços de solidariedade, podemos pensar que devemos nos retirar desse processo que produz efeitos tão negativos. Mas, ao mesmo tempo, existem os aspectos positivos dessa globalização, como a interdependência, o aumento da capacidade de intercâmbios culturais, a possibilidade de se chegar a uma nova sociedade, a um novo mundo. É também a possibilidade de criar enormes desigualdades novas, ainda maiores, e misérias ainda maiores, mas também certas zonas de prosperidade.

A globalização é esse fenômeno ambivalente, é preciso globalizar e desglobalizar ao mesmo tempo. Isso é difícil de compreender, pois nosso espírito está acostumado a um pensamento binário, alternativo: ou globalizamos, ou desglobalizamos, não se pode fazer as duas coisas. Sim, podemos fazer as duas coisas. Ou seja, continuar com tudo o que existe de

positivo da globalização, mas proteger as virtudes e as qualidades das culturas nacionais, proteger a agricultura alimentar de um país, a agricultura que permite a alimentação e não o torna dependente de alimentos vindos do exterior. É preciso proteger as zonas rurais, proteger as virtudes que existem nas nações, proteger as comunidades locais. Assim sendo, é preciso globalizar e desglobalizar ao mesmo tempo.

Em alguns casos, é preciso talvez proteger as economias nacionais com medidas temporárias, aduaneiras, por exemplo. Se as mercadorias que vêm da China são muito baratas na Europa, isso acontece porque na China os trabalhadores são superexplorados e não têm direitos sindicais, direitos políticos. No fundo, os males conjuntos da ditadura e do partido, ou seja, daquilo que resta do antigo totalitarismo e do capitalismo que busca o lucro a todo custo, esses dois males conjuntos fazem com que mercadorias sejam muito baratas. Podemos, por exemplo, ter taxas aduaneiras na Europa para que essas mercadorias tenham um preço equivalente às mercadorias que se criam nestes países, e que essas taxas sejam em benefício das necessidades de outros países anteriormente colonizados e que sofrem hoje em dia de grave escassez.

Temos dois imperativos: globalizar e desglobalizar. Diria a mesma coisa do desenvolvimento: é preciso desenvolver e “envelopar” ao mesmo tempo. É um processo semelhante ao da globalização. O desenvolvimento diz respeito principalmente ao crescimento econômico, ao desenvolvimento tecnológico e material. Ele tem virtudes e graves defeitos, especialmente a destruição dos laços de solidariedade e o crescimento da corrupção. Aqui também existe ambiguidade no desenvolvimento.

É preciso tomar o que existe de positivo do desenvolvimento e conservar o envelopamento, ou seja, a necessidade de estar na sua comunidade, na sua cultura, de ter conservada a sua identidade, enquanto se toma o que vem do mundo exterior, especialmente do mundo ocidental. Penso que no lugar de colocar tudo na ideia de desenvolvimento, que é sobretudo uma ideia técnica, econômica, de crescimento material, é preciso acompanhá-lo da ideia de envelopamento e de uma política da humanidade, que reconheça as características singulares de cada nação, de cada cultura, para fazer uma simbiose do melhor do desenvolvimento criado

pelo Ocidente e daquilo que as culturais tradicionais possuem. É verdade que o Ocidente, a Europa, trouxe as ideias da democracia, dos direitos humanos, dos direitos das mulheres, da liberdade. Mas é verdade também que existem graves deficiências na sociedade ocidental, que apostou tudo no poder e no lado material, ao passo que destruiu os laços de solidariedade e as comunidades, quando é necessário protegê-las.

Além disso, existem também as medicinas. É preciso fazer a simbiose entre a medicina ocidental, que tem suas qualidades, e as medicinas tradicionais, não apenas de grandes nações como a China, que é uma medicina multimilionária, mas também de pequenas comunidades, como as comunidades dos povos indígenas da Amazônia. Atualmente, é preciso ir na direção de uma simbiose das civilizações, na qual a civilização nascida do Ocidente se enriquece com as contribuições vindas das outras civilizações, e na qual as outras civilizações se enriquecem.

As civilizações tradicionais têm seus defeitos, especialmente o caráter autoritário das instituições, algumas vezes mesmo o dogmatismo das crenças e a falta de tolerância. Mas elas também têm qualidades que são a solidariedade, o sentimento de ajuda mútua, uma relação com a natureza que agora o Ocidente tenta reencontrar, e a proteção dos valores de hospitalidade e cortesia, que nós temos tendência a perder. Então, a ideia é desenvolver e envelopar.

Em terceiro lugar, fala-se muito de crescimento e de decrescimento. Aqui também opomos. Alguns dizem que de agora em diante é preciso o decrescimento econômico. Eles têm razões interessantes, pois agora, efetivamente, não podemos continuar a desperdiçar energia, é preciso aprender a economizar, a utilizar energias limpas, não devemos nos lançar na produção de objetos inúteis, sem interesse. Muitas coisas devem decrescer. Mas é necessário conectar crescimento e decrescimento. Ou seja, o que deve crescer hoje em dia é uma economia verde, baseada nas energias limpas, mas que transforme as cidades para que sejam humanamente mais habitáveis, tratando o problema da circulação automobilística e da poluição. Temos necessidade de uma economia de comércio equitativa, de uma economia social e solidária. Temos necessidade de fazer retroceder a dominação do lucro. Então, desse ponto vista, há toda uma outra economia

que deve crescer, uma economia solidária, uma economia equitativa, uma economia verde, embora seja uma economia que deve decrescer. Esses são os imperativos atuais.

Não é o suficiente para antever outro caminho, mas começa a indicar que a busca é bastante complexa. Aparentemente nada começou, mas na realidade tudo começou de forma invisível. Ao redor do mundo, existem iniciativas criadoras que são criadoras de futuro. Mas essas iniciativas são totalmente dispersas, não se conhecem. Mesmo no Brasil, por exemplo, há poucas pessoas que sabem o que foi a constituição do Conjunto Palmeiras perto de Fortaleza. Um povo rejeitado pela costa e condenado a uma favela, sob a liderança de um homem chamado Joaquim Neto, pôde transformar sua favela em habitações sólidas, criar um banco de microcrédito ligado ao Banco do Brasil, uma moeda local, e se tornar atualmente um bairro de 30 mil habitantes que vivem corretamente.

Há iniciativas múltiplas para os jovens, para impedir a criminalidade juvenil ou a delinquência juvenil, não pela repressão, ao contrário, ajudando as crianças a adquirir dignidade, oferecendo-lhes o ensino habitual e também o ensino de música, arte, pintura e informática, restaurando sua dignidade. Há uma iniciativa criada na Venezuela há 30 anos por Abreu. Ele teve a ideia, em Caracas, de reunir crianças de favelas venezuelanas para criarem juntas uma orquestra sinfônica. Essas crianças se tornaram músicos, violonistas, violoncelistas, contrabaixistas, flautistas, entre outros. As orquestras sinfônicas se multiplicaram na Venezuela. O exemplo chegou ao Brasil, e podemos mesmo dizer que o grande chefe de orquestra, cujo nome agora me escapa, mas que é atualmente muito conhecido, vem deste tipo de orquestra.

Por toda parte temos iniciativas criadoras, mas elas não estão ligadas entre si. Quando vemos essas iniciativas, dizemos que tudo está aí para ser mudado, transformado, reformado. Claro. A economia precisa ser transformada, é claro, nós compreendemos. Mas há também a burocratização generalizada das administrações públicas e privadas, nas quais as pessoas são fechadas e compartimentadas e os usuários são mandados de um guichê para o outro e não têm suas necessidades atendidas. É preciso desburocratizar. Temos a Justiça para reformar também.

O consumo deve ser reformado. As camadas mais pobres da população estão excluídas do consumo alimentar nutritivo, e as camadas mais acomodadas consomem produtos cujas virtudes são frequentemente imaginárias, exaltadas pela publicidade, que prometem a beleza, a juventude, a saúde, e que são produtos que frequentemente apresentam problemas, pois possuem conservantes frequentemente muito perigosos. É preciso reformar a agricultura. Hoje a agricultura industrializada causa mais males do que bem. Ela não apenas destrói os solos, que são condenados a receber adubos químicos sem parar, como destrói todas as formas de vida com os pesticidas. Não há mais insetos, pássaros, ou animais. E, além disso, os produtos agrícolas são de má qualidade, de gosto ruim. Da mesma forma, a criação industrializada de animais como porcos, bois e frangos transforma esses animais em meros objetos que confinamos e em que inoculamos penicilina e uma série de produtos para que não adoçam. Tais produtos fazem os animais engordarem e isso resulta numa alimentação artificial, desprovida de sabor. Devemos reformar o consumo, a alimentação, a agricultura, a pecuária.

Damo-nos conta naturalmente que devemos reformar a educação. Devemos reformar a educação porque nossa educação produz especialistas e não forma o que Jean-Jacques Rousseau, em seu livro sobre a educação no fim do século XVIII, dizia ao citar as palavras de um educador falando de seus alunos: “Eu quero ensiná-los a viver”. Educar é ensinar a enfrentar os problemas da vida, não apenas conhecendo a matemática e a gramática. É preciso ensinar a compreensão humana, a enfrentar as incertezas, ensinar o que é ser humano, ensinar a desarmar as armadilhas do conhecimento. Porque o que acreditamos ser o conhecimento frequentemente é o erro. Descartes dizia que a peculiaridade do erro é que ele não sabe que é um erro. Temos de reformar completamente a educação, o conhecimento, o pensamento e, portanto, o pensamento político, tão pobre e vazio atualmente, e que tem necessidade de ter uma maior concepção de mundo para nos guiar nesse oceano de incertezas no qual nos encontramos.

Temos necessidade também de reformar nossas vidas, pois nossas vidas estão condenadas à vida cronometrada, à vida monótona. Nossas vidas estão condenadas e necessitam de mais autonomia e mais comunidade. Aqui também Zygmunt Bauman trazia essa ideia importante, a realização individual precisa de uma comunidade para se realizar. Não podemos nos realizar de forma fechada, egocêntrica e egoísta. É preciso dessas duas coisas que são aparentemente antagonistas, mas necessárias. Precisamos de mais autonomia e de mais comunidade.

Temos necessidade também de viver, no sentido de que a vida é polarizada, de um lado por um polo que podemos chamar de polo da prosa, e de outro, da poesia. O que é a prosa da vida? A prosa da vida é aquilo que somos obrigados a fazer, que nos entedia, nos entristece, nos limita. Mas nós o fazemos para ganhar nossa vida. Ganhamos nossa vida perdendo-a. Nós o fazemos para sobreviver. A prosa da vida é aquilo que nos permite sobreviver, mas a poesia da vida é o que nos realiza, nos faz viver. A poesia da vida está no amor, na amizade, na comunhão, no jogo, na dança, no êxtase, na festa. Isso é a poesia da vida.

Na minha opinião, o problema não é tanto a questão da felicidade, sobre a qual também Bauman falou hoje. Não podemos produzir a felicidade. A felicidade depende de um certo número de condições exteriores e interiores completamente necessárias. Quando gozamos dessas condições, a mais importante pode desaparecer. Ou seja, se a felicidade é inseparável do amor, se a pessoa que amamos vai embora ou morre, a felicidade se transforma em sofrimento. Não podemos garantir a felicidade, não podemos produzir a felicidade. A ideia de uma política poder dar a felicidade... Não. Mas uma política pode, com certeza, criar as condições para evitar os maiores sofrimentos e ajudar a que cada um possa florescer poeticamente na sua vida, florescer a poesia da vida. Isso é extremamente importante hoje em dia. Nós precisamos disso.

Temos também que reformar a nossa vida. Em qual sentido? No sentido da compreensão do outro. É notável que temos não apenas uma enorme dificuldade em compreender um estrangeiro que tem costumes, ritos e crenças diferentes, às vezes, religiões diferentes, mas também temos dificuldades para entender e senti-lo como nós mesmos. A peculiaridade das relações humanas é que o outro é, ao mesmo tempo, diferente e parecido conosco. Ele é diferente pela sua singularidade, características próprias, cultura, caráter, mas ele é parecido conosco pela capacidade de sofrer, amar, chorar, rir, refletir. Então, esse é o problema de compreender o outro. Mas ele se coloca não somente com o estrangeiro, ele se coloca atualmente no interior de nossas sociedades, se coloca nas famílias. Temos tanta incompreensão entre casais que os casais rompem e se divorciam. Temos muita incompreensão entre pais e filhos, filhos e pais. Por que tanta incompreensão na vida cotidiana que nos envenena a vida cotidiana?

Porque nós sentimos resistências mútuas uns com os outros, não somente amizade. Não somos educados a nos conhecermos a nós mesmos para melhor conhecer o outro. Cada um sofre daquilo que os

ingleses chamam “*self deception*”, ou seja, a mentira para si mesmo. Cada um mente para si mesmo, quer esquecer suas fraquezas e carências, e quer ver o outro como o vilão, malvado, que tem as fraquezas e carências. É novamente o filósofo Hegel que dizia: “Se eu chamo alguém que cometeu um crime de criminoso, elimino todos os demais aspectos da sua vida, para reter somente o crime”. Entretanto, compreender o outro é compreender a complexidade de um ser humano, que aquilo que ele fez de mal não é a única coisa que pode caracterizá-lo.

Além disso, nós mesmos somos muito compreensíveis do outro quando estamos no cinema, por exemplo. Quando vemos um andarilho encarnado por Chaplin, Carlitos, simpatizamos com ele e o amamos. Mas esse mesmo andarilho, nas ruas da cidade, nós vamos ignorá-lo, vamos ser indiferentes ou ainda menosprezá-lo. Quando vemos, por exemplo, um criminoso como *O Poderoso Chefão*, o padrinho do filme do Coppola com Marlon Brando, vemos que ele é um criminoso, mas não apenas um criminoso, ele tem sentimentos pelos seus próximos, seus filhos etc. Dito de outra maneira, quando estamos no cinema, no teatro, quando lemos um romance, temos essa capacidade de empatia e simpatia que nos faz compreender o outro na sua complexidade. Quando lemos *Crime e Castigo* de Dostoiévski, vemos que esse criminoso é capaz de redenção. Somos muito mais humanos quando estamos no cinema, no teatro, ou quando lemos um romance. Quando entramos na vida ordinária, nos desumanizamos, nos tornamos bárbaros no que diz respeito ao outro. Esta é uma reforma de vida totalmente necessária, e eu diria isso em relação à ideia da poesia na vida.

Há uma noção muito interessante, que vem precisamente da América Latina. Creio que foi o presidente [*Rafael*] Correa, do Equador, que a formulou, e ela foi retomada por [*Evo*] Morales, o presidente da Bolívia. É a ideia do bem-viver. Por que essa ideia é importante quando temos a noção do bem-estar? Porque o bem-estar que temos é uma ideia materializada unicamente no conforto, nos objetos, nos automóveis, nos aparelhos de televisão, nas possibilidades de pegar um avião. Para nós, o bem-estar é algo apenas materializado.

É claro que o bem-estar material é útil. As populações pobres que não têm acesso ao mínimo de bem-estar deveriam ter acesso a ele. Mas a questão é que ele é insuficiente. Há uma parte de nossas pessoas que quer mais do que esse bem-estar material, que quer o bem-estar moral, psicológico, afetivo. Na nossa civilização ocidentalizada, vemos que essa necessidade de uma coisa diferente, de estar em harmonia consigo mesmo e com o mundo, se traduz na busca pela ioga, pelos xamãs, pelo zen-budismo, pela espiritualidade. Buscamos nas filosofias, nas sabedorias orientais. Buscamos remédios ou, então, vamos ver o psicanalista, vamos ver o psiquiatra.

Há um mal-estar no bem-estar material. Há um mal-estar na civilização ocidental. No fundo, é contra esse mal-estar que se faz necessário ressuscitar alguma coisa, não com essa palavra que se tornou muito estreita e degradada, o bem-estar. Apesar de ser uma palavra muito bela em si mesma, a palavra “estar” talvez seja muito imóvel, muito estática. É o bem-viver, “viver”. Essa palavra do bem-viver é importante. Lembremos o que dizia Rousseau para a educação, é preciso ensinar a viver ou, ao menos, ajudar a que cada um por si mesmo aprenda a viver. É preciso saber bem viver, viver poeticamente. A reforma da vida é necessária.

Então, vocês me dirão: “Mas tantas reformas. Por qual devemos começar? Devemos começar reformando a sociedade? Ou começar reformando os indivíduos?”. É uma questão muito justa sobre a qual podemos nos interrogar. Mas nos damos conta de que cada uma dessas reformas isolada das outras não obtém êxito. Existiu uma tentativa grandiosa de transformar a sociedade. Foi a Revolução Comunista, a Revolução de Outubro de 1917. Essa revolução tinha um ideal de criar um universo de fraternidades e comunidades, no qual seria banida a exploração do homem pelo homem, onde o homem seria livre. Essa revolução conheceu perigos e ameaças que a endureceram, e finalmente não foi capaz de criar o sistema que correspondia à sua ideologia. Tornou-se uma revolução que criou uma autoridade, um novo despotismo, que impediu os trabalhadores de terem direitos políticos e sindicais. É uma revolução que produziu um sistema totalitário pior que o sistema capitalista, o sistema anterior.

Mas, ao final de setenta anos, no qual foram liquidados os capitalistas, os burgueses, os camponeses ricos, os opositores, supostamente opositores, no qual houve tanta destruição humana, ao final de setenta anos, o sistema implode. Em benefício de quê? Em benefício de um capitalismo

ainda mais selvagem do que foi o capitalismo anterior, em benefício de uma religião ainda mais poderosa do que a religião que queríamos eliminar, em benefício de todos os males que queríamos eliminar. Dito de outra forma, foi um fracasso.

Não podemos fazer uma transformação social apenas econômica, se não fizermos uma transformação cultural, mental e psicológica dos indivíduos. Mas também sabemos que tudo o que foi tentado nas pequenas comunidades, em geral, fracassou, com exceção das comunidades que se apoiaram numa ideia religiosa, crença, rito ou fé. Eu estava muito interessado pelas comunidades criadas na Califórnia nos anos 60, 70, pois elas correspondiam a essa aspiração sobre a qual lhes falei, mais autonomia e mais comunidade. Mas, ao final de um certo tempo, essas comunidades se desintegraram. Existia um ambiente exterior que não era favorável, e as pessoas não conseguiam se entender umas com as outras, não conseguiam chegar a um nível de compreensão humana.

Penso numa experiência de comunidade que foi contada num belo livro de Maurice Politi, escritor judeu de origem grega. No início do Estado de Israel, ele foi a um *kibutz*, uma comunidade, com sua mulher. Nessa comunidade, ele viu que, quando as pessoas não se entendem entre si e existem antipatias, se eles forem obrigados a viver juntos, é pior do que se vivessem num vilarejo onde cada um tem uma casa separada. Eles fugiram e ele escreveu um livro que se chama *Os fugitivos do paraíso*. Então, há uma dificuldade em criar essas comunidades.

Claro que há experiências que mais ou menos duraram, como a experiência Auroville na Índia. Logo, o problema é que, finalmente, tudo deve ser reformado ao mesmo tempo. Não é possível? Não, não é possível. Mas tudo deve começar a ser reformado ao mesmo tempo. Todas as reformas são intersolidárias. Somente poderemos mudar de caminho se fizermos como os riachos que se unem para formar ribeirões, os ribeirões que se unem para formar rios, os rios que se unem para formar um grande rio como o Amazonas. É esse processo que permitirá criar um novo caminho, de maneira que o antigo caminho se dissolverá e se desintegrará sozinho.

Tudo deve começar ao mesmo tempo e tudo deve se encontrar. É verdade, é muito difícil, é difícil de pensar. Mas é a única condição para chegar a alguma coisa que seja, ao mesmo tempo, a saudação à espécie humana e a sua possibilidade de continuar sua aventura.

Retomo a ideia de crise. A palavra crise é uma palavra banalizada. Podemos até dizer que a história é uma sucessão de crises. Mas o fato é que sentimos que estamos num período no qual o mundo está morrendo, mas sem conseguir morrer, e há um mundo que quer nascer, sem conseguir nascer. A palavra crise deve ser examinada. O que é uma crise? Uma crise é um momento no qual as incertezas crescem. Quando há uma crise governamental, significa que não se sabe qual será o próximo governo. Numa crise, as incertezas crescem. Quando o sistema até então regulado começa a se desregular, acontece aquilo que em cibernética chamamos de *feedbacks* positivos, ou seja, os desvios aumentam progressivamente, criando tendências e tentando desintegrar o sistema.

Um sistema em crise é um sistema profundamente perturbado. Nessa perturbação, existem sempre duas possibilidades extremas. Ou encontramos uma solução a essa crise, criando algo novo, com uma nova solução, como na grande crise econômica dos anos 1929 os Estados Unidos encontraram a solução à crise com o *New Deal* de Roosevelt, que era contrário a toda ideologia econômica dominante. Então, ou encontramos a nova solução, ou somos obrigados a regressar ao passado, ou ainda acreditamos ter encontrado uma solução ao designar um inimigo imaginário, um bode expiatório, que acusamos de todo o mal da crise. Podemos dizer que durante muito tempo foi o antissemitismo, os judeus que eram culpados. Atualmente, são os mulçumanos, os islamitas, que tendem a se tornar os culpados.

A crise é uma situação ambivalente, que carrega a possibilidade do melhor e do pior. Estamos nessa situação de incerteza. Nessa situação, repito, existe em primeiro lugar o improvável que é possível; em segundo, por toda parte os “querer viver”, “querer criar” se multiplicam, eles ainda não se conhecem, não estão reunidos juntos, mas podemos pensar que alguma coisa nascerá. Podemos pensar que um novo pensamento será capaz de indicar efetivamente que é possível encontrar um caminho, um caminho de saudação.

Mas o caminho não está já traçado como uma autoestrada, é um caminho que deve ser criado caminhando. Lembro aqui os versos de Antônio Machado, um outro Machado, que dizia: “Caminhante, não há caminho, o caminho se faz ao andar”. O caminho se faz ao caminhar, o caminho não é traçado previamente. Podemos dizer que hoje estamos num período de resignação, de angústia, de medo. As velhas gerações tiveram tantas ilusões que já não acreditam em mais nada. Algumas acreditaram no socialismo e no comunismo, outras acreditaram que a sociedade ocidental era bem melhor. Acreditamos no Terceiro Mundo, no socialismo árabe, acreditamos, acreditamos... Todas essas crenças desabaram. Então, as velhas gerações estão decepcionadas, impotentes. E as novas gerações estão em plena confusão, na precariedade e na incerteza. Mas elas têm aspirações, uma possibilidade criativa. Em todas as sociedades, os adolescentes são aqueles que não estão mais no interior do casulo da infância, ainda não estão integrados à vida normalizada dos adultos e têm essas aspirações profundas que mencionei antes, que são aspirações humanas permanentes: aspirações a mais autonomia, a mais comunidade. O fermento das transformações está nas novas gerações, como vimos na Tunísia e no Egito, e nesses momentos as novas gerações despertam as velhas gerações, que retomam, dizendo: “Sim, é preciso lutar”. Essas gerações jovens têm potencialidades, mas elas não sabem para onde ir, elas não têm o caminho.

Algumas vezes, na França, pessoas jovens me dizem: “Você tem sorte. Quando jovem, você tinha uma luta, uma causa justa pela qual lutava, isso estava claro, transparente. Você tinha um país escravizado, ocupado, você lutava pela sua liberdade, pela liberdade do mundo”. Eu digo sim. Sim e não. É verdade que, quando estávamos na Resistência, tínhamos a impressão de que nossa causa era pura, justa. Mas, quando a França foi liberada e a guerra foi vencida contra os nazistas, a França, no lugar de dar a liberdade a suas colônias, de dar a liberdade à Argélia, e muitos argelinos combateram no exército francês, ela fez uma repressão muito dura, assertiva. No dia da vitória, 8 de maio de 1945, houve um massacre de argelinos. Dito de outra forma, nós fizemos, mas não fizemos nada, esquecemos que houve o colonialismo, e o colonialismo ainda durou muitos anos. A Inglaterra também reencontrou suas colônias antes de abandoná-las. Portugal manteve-as muito tempo. Nossa causa era justa, mas tínhamos esquecido que éramos um país colonizador, e nós éramos comunistas.

Tive a revelação do que foi Stalingrado quando li esse livro magnífico, de Vassili Grossman, que se chama *Vida e destino*. Um romance com personagens, mas cujo tema principal é a Batalha de Stalingrado. Grossman diz: “Stalingrado foi a maior vitória e a maior derrota da humanida-

de”. Foi a maior vitória da humanidade, pois significou o esmagamento do nazismo, e a maior derrota, pois consolidou a ditadura de Stálin por mais de dez anos. Estávamos por uma causa justa. Mas nossa causa tinha sombras e nós não as víamos.

Atualmente, a causa da humanidade não tem sombras. Hoje não se trata de defender os países dominantes e esquecer os países dominados. Não se trata de defender os privilégios e esquecer aqueles que sofrem. Para essa causa de toda a humanidade, não existe hoje uma classe privilegiada que vai garantir a salvação. De todas as partes, de todas as classes sociais, são homens e mulheres, jovens e velhos de boa vontade, que serão os arquitetos da renovação e da mudança. Hoje, digo a esses jovens: “Vocês têm uma causa ainda mais justa, mais bela e maior do que aquela pela qual nós estávamos prontos a sacrificar nossas vidas. Vocês têm a causa da humanidade, na qual devem se engajar”.

Acredito que na vida humana nada pode ser feito sem esperança. Mas a esperança não é uma certeza. Talvez o que chamamos esperança nos tempos antigos era na verdade uma crença, uma crença quase mística, mas que era uma ilusão. A esperança é a esperança. Não é certo, mas é possível. Se a esperança existe, ela se torna algo necessário. É o fermento necessário para todas as grandes transformações e para o caminho da metamorfose. Quando digo metamorfose, não significa que a humanidade vai parar por aí. A aventura da humanidade é uma aventura surpreendente, incrível. Uma aventura que passou por civilizações. Em primeiro lugar, a humanidade arcaica, as civilizações mais diversas e, depois, o mundo feudal da Europa na Idade Média que se transformou num mundo moderno, que está se transformando num mundo pós-moderno, pós-pós-moderno. Estamos num mundo no qual as forças de transformação estão ativas, mas cabe a nós saber quais são as que levam à destruição e quais, ao contrário, podem nos trazer esperança. Hoje podemos ter esperança e tentar agir.

Sabemos que o destino da humanidade está em jogo e que cada um de nós é um pequeníssimo pedaço dessa humanidade, que é inseparável dela. A ideia de humanidade não nos deve fazer esquecer de que fazemos parte de uma nação, um povo, uma civilização, mas que o mundo da huma-

nidade é um mundo que tem sua unidade na própria diversidade e tem sua diversidade na sua unidade. O caminho, repito, não é um caminho traçado. Isso quer dizer que podemos tentar uma direção.

Toda decisão, toda escolha humana contém uma aposta. Não temos nunca certeza. Todos aqueles que tomaram decisões políticas ou militares tendo certezas viram os eventos se voltarem contra eles. Hitler acreditou ter conquistado a Europa e, finalmente, foi esmagado. Todos os grandes conquistadores fracassaram lá onde pensavam ter triunfado. A ideia de aposta é muito importante. Devemos apostar sem parar. Mas apostar também significa ser capaz de ter uma estratégia para retificar o caminho que tomamos, se percebermos que nos equivocamos.

Nada está assegurado, determinado, garantido. Mas, ao mesmo tempo, uma nova humanidade é possível, um mundo melhor é possível. Não o melhor dos mundos. Não um mundo perfeito. É um mundo que sempre terá suas carências, suas lacunas, que carregará a tragédia ou a morte. Mas sabemos hoje que um mundo melhor é possível, improvável, mas possível. Esse é o caminho da esperança. Obrigado.

Playlist especial

Edgar Morin 100 anos

Na última vez em que Edgar Morin esteve no palco do *Fronteiras do Pensamento*, ainda com 90 anos, sua presença demonstrou a lucidez e a vitalidade física que o caracterizam ainda hoje, do alto de seu centenário.

Naquela ocasião, em 2011, falou em pé durante mais de uma hora, cativando a atenção do público que continua revisitando sua fala por meio de vídeos gravados durante a conferência e também a partir de uma entrevista exclusiva realizada em Porto Alegre.

Por isso organizamos uma *playlist* com 14 vídeos nos quais o pensador reflete sobre a globalização e as liberdades democráticas, paralelas à destruição dos sentidos de solidariedade e comunidade. A partir da ótica dos sistemas, da complexidade e da metamorfose, Morin defende a ideia do bem-viver e não apenas do bem-estar material.

Confira a *playlist* aqui.

Sobre o

Fronteiras do Pensamento

O pensamento alimenta a nossa capacidade criativa – na arte, nos negócios e na vida cotidiana. As fronteiras podem delimitar lugares, mas também são permeáveis e estão em constante transição.

Por isso o *Fronteiras do Pensamento* se propõe a fazer perguntas e colecionar desafios lançados por personalidades com formações, origens e sensibilidades diferentes. Suas ideias ecoam nas cidades e nas florestas, ancoradas no passado e também no agora, olhando para um futuro que será ainda mais digital – do Oriente ao Ocidente. O projeto já promoveu mais de 250 conferências com pensadores de todo o mundo e serve como plataforma para geração de entrevistas em vídeo, séries de livros e outras produções de conteúdo.

Há 15 anos o *Fronteiras do Pensamento* faz este convite: atravessar aquilo que afeta a cada um de nós, mas também a todos nós, comprometidos com a liberdade de expressão, a diversidade de ideias e a educação

Siga o conhecimento em **FRONTEIRAS.COM**



EDGAR MORIN 100 ANOS no acervo do *Fronteiras do Pensamento* foi organizado pela jornalista e professora universitária Cybeli Moraes, com revisão de Renato Deitos e *design* de Leonardo Francisco.

FR**NTEIRAS**
DO PENSAMENTO